

A Semiótica Francesa de Greimas: Uma análise em torno do filme Psicose¹

Felipe Cesar dos Santos²

Isabella Favretto³

Thalyta Dal Piva⁴

Jozieli Cardenal⁵

Centro Universitário de Pato Branco - UNIDEP

RESUMO

A partir da perspectiva da Semiótica Francesa, especialmente dos estudos de Greimas, este artigo analisa o filme “Psicose” (1960), de Alfred Hitchcock, com foco nos níveis discursivo e no plano de expressão. A análise destaca o papel central de Norman Bates, cuja dualidade psicológica estrutura o enredo por meio dos processos de figurativização e tematização. As escolhas técnicas e estéticas, como a fotografia em preto e branco e a trilha sonora marcante, reforçam a dimensão simbólica da narrativa. Nesse contexto, a semiótica se mostra como um instrumento potente na construção de sentidos, transformando o filme em uma experiência narrativa densa e significativa.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; greimas; análise discursiva; cinema; audiovisual

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca realizar uma análise semiótica da obra de Alfred Hitchcock, intitulada como “Psicose”, de 1960, reconhecendo a importância dos valores sógnicos a partir da junção de fatores como elementos contribuintes para a construção de sentido dentro da trama.

Para tanto, usa-se como base estudos de Algirdas Julius Greimas (2008) e o Percorso Gerativo de Sentido, onde será possível realizar o estudo através dos processos apresentados pelo autor, que os divide em Plano de Conteúdo e Plano de Expressão.

Para Greimas (2008), o Plano de Conteúdo se desdobra em Nível Fundamental, Narrativo e Discursivo. Enquanto isso, o Plano de Expressão se constroi a partir do uso da intertextualidade por meio das cores, enquadramentos e formas, por exemplo.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 02SU - Cinema e audiovisual, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante do 7º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), email: felipecezarcardossantos66@gmail.com.

³ Estudante do 6º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), email: isabellafviera@hotmail.com.

⁴ Estudante do 7º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), email: thalytadpds@gmail.com.

⁵ Professora do Curso Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), email: jozieli.cardenal@unidep.edu.br.

1 A SIMBOLOGIA DO MOTEL BATES

Psicose (1960), dirigido por Alfred Hitchcock, é baseado no romance homônimo de Robert Bloch (1959) e acompanha a história de Marion Crane (Janet Leigh), uma secretária que rouba 40 mil dólares para viver um amor com Sam Loomis (John Gavin). Durante a fuga, uma tempestade a obriga a parar no isolado Bates Motel, onde conhece Norman Bates (Anthony Perkins), filho da proprietária Norma Bates.

A narrativa toma um rumo inesperado quando Marion é assassinada e sua irmã, Lila (Vera Miles), inicia uma busca pelo paradeiro da jovem. O suspense cresce até o desfecho, quando se revela que Norma está morta e Norman sofre de Transtorno Dissociativo de Identidade — acreditando ser sua mãe ao cometer os crimes.

A análise semiótica deste artigo se concretiza por meio da seleção de cenas-chave do longa-metragem, que permitem evidenciar os signos centrais e a estruturação do sentido narrativo. O recorte é sustentado pelo plano de conteúdo, proposto por Greimas, que orienta a leitura das categorias semânticas presentes no texto fílmico.

1.1 Plano de Conteúdo

No nível fundamental do Plano de Conteúdo - conforme proposto por Greimas (2008), são identificadas categorias semânticas binárias que formam a base de construção dos sentidos: /vida/ vs. /morte/, /honestidade/ vs. /desonestidade/ e /sanidade/ vs. /loucura/. Essas oposições são essenciais para compreender os conflitos centrais da narrativa.

A oposição vida/morte é representada com força simbólica nas cenas do assassinato no chuveiro e na revelação dos corpos escondidos, enquanto a busca de Lila Crane pela irmã Marion representa o impulso pela vida e pela verdade.

Já a oposição honestidade/desonestidade se manifesta no comportamento dos personagens: Marion Crane, ao roubar o dinheiro, inicia uma trajetória de fuga; Norman Bates, inicialmente visto como confiável, revela sua verdadeira natureza transgressora ao longo da trama. Enquanto isso, sanidade/loucura se concentra em Norman, cuja dualidade mental é acentuada e culmina na revelação do real assassino ao final da trama.

No nível narrativo, ocorre a organização figurativa do discurso, onde os sujeitos realizam ações em relação a objetos de valor. É nesse plano que se estruturam as relações de manipulação entre enunciador e enunciatário, nas quais o sujeito influencia o outro por meio de estratégias específicas. Essa manipulação pode ocorrer por meio do querer-fazer (tentação ou sedução), do poder-fazer (ameaça ou imposição) e do saber-fazer (argumentação racional), conforme destaca Alvaro Roberto Dias (2016).

No longa-metragem, esses mecanismos de manipulação são perceptíveis em momentos-chave da narrativa. Um exemplo evidente ocorre na interação entre Norman Bates e Marion Crane, quando ele sugere sutilmente que ela se hospede no quarto número 1 - o mais próximo do escritório. Essa escolha não é aleatória: trata-se de uma manipulação que envolve tanto o querer (o desejo de observá-la) quanto o poder (a capacidade de direcioná-la para um espaço específico com finalidades ocultas). A figura de Norman aqui atua como manipulador consciente, guiando o comportamento da personagem sob o pretexto da hospitalidade.

A construção do suspense também manipula o espectador, induzido a acreditar que Norma é a assassina. Apenas no fim, o público descobre a verdade, revelando a manipulação narrativa e reformulando a percepção dos acontecimentos.

Esses elementos evidenciam como o filme articula a manipulação tanto no nível interno dos personagens quanto na relação entre narrativa e espectador, construindo um jogo semiótico de expectativas e revelações que sustenta a tensão característica da obra.

Segundo a interpretação de Fiorin (2000), destacam-se três elementos principais do nível discursivo: enunciador, figurativização e tematização. O enunciador (quem transmite a narrativa) em *Psicose* não é Marion, como inicialmente parece, mas sim Norman Bates, cuja mente fragmentada conduz a história.

A figurativização transforma os personagens Norman e Norma em símbolos: ele representa um sujeito dividido, dominado por uma versão internalizada da mãe, e ela, um amor doentio e possessivo. A tematização se revela na relação patológica entre mãe e filho, que estrutura a narrativa - especialmente no assassinato de Marion, que simboliza o conflito entre as personalidades de Norman.

A casa isolada dos Bates também cumpre função simbólica, reforçando o afastamento emocional e social do protagonista.

Dessa forma, ao longo do filme, percebe-se que a tematização não se organiza em torno da trajetória de Marion, mas sim na relação simbólica e conflituosa entre Norman e Norma, que estrutura toda a narrativa discursiva de *Psicose*.

Por fim, no Plano de Expressão, envolve-se elementos visuais, sonoros e narrativos responsáveis por dar forma concreta ao discurso. Esses recursos - como câmera, iluminação, trilha sonora e atuação - contribuem para a construção do sentido e da experiência estética do espectador.

1.2 Plano de Expressão

Psicose quanto um filme em preto e branco, encara essa estética como uma escolha artística consciente, não por limitações técnicas, mas como estratégia para suavizar a brutalidade das cenas. Inspirado na fotografia noir - “[...] termo cunhado para se referir ao submundo sombrio e triste do crime e da corrupção” (Kemp, 2011) -, o filme usa a monocromia para intensificar sentimentos como tensão e suspense. A citação de Sebastião Salgado reforça essa ideia:

Na época do analógico, quando trabalhava em cores com filme Kodachrome, eu achava os vermelhos e azuis tão bonitos que eles se tornavam mais importantes que todas as emoções contidas na foto. Com o preto e branco e todas as gamas de cinza, porém, posso me concentrar na densidade das pessoas, suas atitudes, seus olhares, sem que estes sejam parasitados pela dor. (SALGADO, 2014, p. 128)

Essa estética contribui para a ambientação do terror, pois a ausência de cores claras faz com que o dia pareça noite, gerando constante angústia. Além disso, o uso de trilha sonora extradiegética - termo usado pelo mundo cinematográfico para se referir aos efeitos sonoros utilizados para contribuir na construção do sentido da narrativa através da narração ou trilha sonora (Rodrigues, 2019) - e cortes rápidos durante cenas de violência - como o famoso assassinato no chuveiro - intensifica o impacto emocional no espectador.

Esses recursos visuais e sonoros integram o Plano de Expressão, responsável por transmitir os sentidos da narrativa por meio de signos, contribuindo para o percurso gerativo de sentido do filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta análise, percebe-se que o modelo semiótico de estrutura narrativa estabelecido por Greimas é perfeitamente aplicável a qualquer modelo discursivo. Ele auxilia na compreensão dos elementos semióticos por meio do percurso gerativo de sentido, construído através dos planos de conteúdo e de expressão, possibilitando não apenas o entendimento da mensagem, mas também sua formação.

No caso de “Psicose”, é possível compreender que esses elementos contribuem diretamente para a construção dos gêneros terror e suspense, utilizando seu poder de manipulação para conduzir a narrativa e impactar emocionalmente os telespectadores.

REFERÊNCIAS

DIAS, Alvaro Roberto. **A aplicação da semiótica discursiva na análise da comunicação publicitária para a divulgação da marca**. Santa Catarina: Universidade do Vale do Itajaí, 2016.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**: pesquisa de método. Tradução de Izidoro Blikstein e Eduardo Guimarães. São Paulo: Cultrix, 2008.

KEMP, Philip. **Tudo Sobre Cinema**. 1. ed. Tradução de Fabiano Moraes. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

PSYCHO. Direção: Alfred Hitchcock. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1960. 109 min, digital, legendado, preto e branco.

RODRIGUES, Júlio César de Andrade. **A construção dos sentidos na montagem cinematográfica**: uma análise do filme “A Hora do Pesadelo” (2010). Universidade Estadual de Santa Cruz. Bahia, 2019.

SALGADO, Sebastião; FRANCO, Isabelle. **Da minha terra à terra**. Tradução de Julia da Rosa Simões. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.